



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – CAMPUS XVI
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

ANA RAQUEL DANTAS DE ALMEIDA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE O “NÓS” E O “A GENTE” NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA LAGOINHA, SÃO GABRIEL-BA

Irecê – BA
2019

ANA RAQUEL DANTAS DE ALMEIDA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE O “NÓS” E O “A GENTE” NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA LAGOINHA, SÃO GABRIEL-BA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVI*, para obtenção do grau de licenciada em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof.^a Me. Dayane Moreira Lemos

Irecê – BA
2019

ANA RAQUEL DANTAS DE ALMEIDA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE O “NÓS” E O “A GENTE” NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA LAGOINHA, SÃO GABRIEL-BA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVI*, para obtenção do grau de licenciada em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof^ª. Me. Dayane Moreira Lemos

Aprovada em _____ de Setembro de 2019.

Prof^ª. Me. Dayane Moreira Lemos
Orientadora – UNEB

Prof^ª. Me. Eliete Oliveira Santos
UNEB – *Campus XVI*

Prof^º. Me. Elias de Souza Santos
UNEB – *Campus XXIII*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter iluminado meu caminho.

A minha orientadora Dayane Lemos pelo empenho dedicado.

A minha família, minha mãe Valdilha Almeida por ter me dado apoio e incentivo e a minha irmã Ana Kerolainy Almeida por toda a ajuda, e ao meu esposo Bruno Melo que sempre esteve comigo me incentivando nos momentos difíceis de cansaço e desânimo, e ao meu avô Manoel que não mediu esforços para me ajudar em todas as dificuldades.

Aos meus amigos e amigas, Cleidiane Alves que sempre esteve ao meu lado, a Gildenice Barbosa, Paloma Vasconcelos, Izana Maria Barrêto que foram minhas companheiras de trabalho, agradeço a Leandro Pereira (Jhoy) que acreditou em mim e sempre disposto a me ajudar, a meu amigo Daniel Rocha que caminhou comigo nessa jornada. Todos eles levarei para minha vida.

Aos professores por me proporcionaram todos os conhecimentos adquiridos ao longo desses anos.

E a todos que indiretamente contribuíram na minha formação.

“O homem vive dentro do mundo como corpo, mas o mundo vive dentro do homem como palavra.”

(José Carlos de Azeredo)

RESUMO

Este presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de variação linguística entre o *nós* e o *a gente* na comunidade quilombola Lagoinha, situada em São Gabriel, no território de identidade Irecê-Ba. Na perspectiva da sócio-histórica compreendemos que o português brasileiro se constituiu em meio a contatos com outras línguas, como indígenas, africanas e portuguesa, o que intensifica seu caráter heterogêneo, favorecendo o surgimento de processos de variações e mudanças linguísticas. Desse modo, temos por base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008 [1972]), que reconhece como objeto o fato linguístico, o vernáculo. A composição do *corpus* ocorreu através da coleta de dados, sendo utilizadas entrevistas gravadas com falas espontâneas de informantes da comunidade de remanescentes quilombolas Lagoinha - Ba. Essas entrevistas foram transcritas para o levantamento de dados linguísticos, os quais foram submetidas a uma abordagem quantitativa, através da ferramenta computacional Goldvarb X. Os resultados indicaram que o pronome *a gente* é o mais usado na amostra analisada, sendo favorecidos por fatores sociais como gênero, em que o sexo masculino utiliza mais o pronome *a gente* em comparação as mulheres, já no fator faixa etária os jovens apresentaram uma maior frequência do uso do *a gente*. Entre os fatores linguísticos, o *a gente* apresentou maior relevância na presença da concordância, e como sujeito na posição da oração, o tempo verbal com maior frequência ocorreu no presente, mostrando que o pronome *a gente* está em progresso. Portanto, percebemos que o pronome inovador *a gente* tem o maior uso nas falas.

Palavras-chave: Comunidade quilombola. Sociolinguística. Variação Linguística.

ABSTRACT

The present paper aims to analyze the linguistic variation process between *nós* and *a gente* in the quilombola community of Lagoinha, located in São Gabriel, in the identity territory of Irecê-Ba. In a socio-historical perspective we learn that Brazilian Portuguese was formed in the midst of contacts with other languages, such as indigenous, African and Portuguese, what intensifies its heterogeneous character, favoring the emergence of linguistic variations process and changes. Thus, we are based on the theoretical-methodological assumptions of Labovian Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), which recognizes as object the linguistic fact, the vernacular. The composition of the *corpus* occurred through data collection, using interviews recorded with spontaneous speeches of informants from the remnant quilombolas community Lagoinha - Ba. These interviews were transcribed for linguistic data survey, which were submitted to a quantitative approach, through the computational tool Goldvarb X. The results indicated that the pronoun *nós* is the most used in the sample analyzed, being favored by social factors such as gender, in which the male gender uses more the pronoun *a gente* than female, in the age group factor, the young people presented a higher frequency using *a gente*. Among the linguistic factors, *a gente* showed greater relevance in the presence of agreement, and as a subject in the position of simple sentence, the verbal time most frequently occurred in the present, showing that the *a gente* pronoun is in progress. Therefore, we realize that the innovative pronoun *a gente* have the greatest use in the speeches.

Keywords: Quilombola community. Sociolinguistics. Linguistic Variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Demografia histórica do Brasil.....	16
Figura 2 -	Localização geográfica limites da região	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Composição do Corpus	30
Quadro 2 - Pronomes pessoais	32
Quadro 3 - Pronomes pessoais com inserção do <i>a gente</i>	32
Quadro 4 - Processo de gramaticalização do <i>a gente</i> como pronome.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estimativa da população no Brasil	17
Tabela 2 - Variação entre o <i>nós</i> e <i>a gente</i> na comunidade quilombola Lagoinha- BA.....	34
Tabela 3 - A frequência de uso do <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável gênero.....	36
Tabela 4 - A frequência de uso do <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável faixa etária.....	37
Tabela 5 - A frequência de uso do <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável concordância.....	38
Tabela 6 - A frequência de uso do <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável posição de sujeito e de objeto.....	39
Tabela 7 - Dados levantados na cidade de Pelotas (BORGES, 2004) e no Rio de Janeiro (OMENA; BRAGA, 1996)	40
Tabela 8 - A frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável no tempo verbal.....	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Frequência de uso do <i>a gente</i> e do <i>nós</i> nos trabalhos de Omena e Braga (1996) e Zilles (2007)	34
---	----

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 AS RAÍZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM CONTEXTO DE HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA	14
2.1 CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	15
2.2 DINAMICIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	18
2.3 COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO	19
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	24
3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA.....	24
3.2 DA COLETA A ANÁLISE DOS DADOS.....	26
3.2.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	28
3.2.2 AMOSTRAGEM.....	30
4 A VARIAÇÃO ENTRE NÓS E A GENTE NA COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS LAGOINHA -BA.....	31
4.1 O PERCURSO HISTÓRICO DO <i>NÓS</i> E DO <i>A GENTE</i>	31
4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE.....	33
4.3 AS VARIÁVEIS SOCIAIS E LINGUÍSTICAS.....	35
4.3.1 A VARIÁVEL GÊNERO.....	35
4.3.2 A VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA	36
4.3.3 A VARIÁVEL CONCORDÂNCIA.....	37
4.3.4 A VARIÁVEL NA POSIÇÃO SUJEITO E OBJETO.....	39
4.3.5 A VARIÁVEL NO TEMPO VERBAL	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua é a maior e mais eficaz forma de comunicação entre os falantes, sendo um fator social, compreende-se que a sociedade e a linguagem são interligadas, uma vez que assim como a sociedade, que com o passar do tempo sofre mudanças/transformações, a língua, por ser dinâmica, acompanha tais variações. Portanto, a partir dela é possível estudar as tradições de uma sociedade, compreendendo que a língua é a identidade de um povo.

Pensar na língua com um olhar na sócio-histórica é entendê-la como um sistema heterogêneo, que com a chegada dos portugueses houve uma mistura de línguas e culturas, pois já existiam aqui no Brasil os índios, e por meio do tráfico negreiro esse campo heterogêneo se intensificou, já que a vida dos africanos representou também a vinda de muitas línguas e culturas. Assim, como afirma Mattos e Silva (2004) a língua portuguesa deve ser compreendida a partir de sua história, desde o período colonial, dando ênfase às vozes dos indígenas e africanos que tiveram grande importância na constituição do português brasileiro e no seu caráter heterogêneo, pois eles foram obrigados a aprenderem o português de forma irregular, em um contexto de imposição.

Essa heterogeneidade, inerente a língua, faz muitos estudiosos analisarem e buscarem as influências das variações e mudanças, já que “[...] a língua, longe de ser um organismo, é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega [...]” (SILVA NETO, 1963, p. 17-18). Portanto, entende-se que a variedade linguística é entendida como as diversas formas de uso da língua, tendo com uma das correntes teóricas a Sociolinguística, que tem por objetivo a busca de explicações a partir de um processo de variantes que compõem as estruturas da sociedade e a evolução dentro desse contexto social. Dessa forma, procuramos analisar, a partir de *corpus* oral da comunidade quilombola de Lagoinha, situada no território de Irecê – BA, a variação linguística entre o *nós* e o *a gente*, na tentativa de indicar quais os fatores que influenciam essa inserção pronominal, na amostra analisada.

Cabe ressaltar que, por muito tempo, as comunidades quilombolas foram espaços de negros que se refugiaram, foram excluídos, colocados a margem da sociedade e silenciados por muito tempo. Devemos perceber a importância das comunidades como lugar vasto de conhecimentos, identidade, cultura, entre outros, que nos mostram a importância de pesquisas para uma ampliação de olhares para dissolver pensamentos

equivocados.

Ressaltando a importância de trabalhos com comunidades quilombolas, principalmente as que encontram-se no Sertão, visto que temos poucos. Dessa forma, o presente estudo é importante no âmbito acadêmico, pois estuda a multifuncionalidade da língua, permeando no campo da Sociolinguística para analisar a variação entre *nós* e *a gente* no português brasileiro com o olhar para a socio-história.

Visando dar a este trabalho a melhor organização possível, o mesmo apresenta-se dividido da seguinte forma:

- (i) Capítulo I, intitulado *As raízes do português brasileiro: um contexto de heterogeneidade linguística*, em que abordamos a constituição e a dinamicidade da língua portuguesa, bem como as discussões em torno das origens do Português Brasileiro, pensando sua constituição e processo;
- (ii) Capítulo II, intitulado *Pressupostos teóricos e metodológicos*, discorremos os aportes teóricos e metodológicos que darão suporte a pesquisa, especificamente a Sociolinguística quantitativa Laboviana. Também trataremos da história da comunidade quilombola Lagoinha e apresentaremos a abordagem metodológica utilizada no tratamento e análise dos dados;
- (iii) Capítulo III, intitulado *A variação entre nós e a gente na Comunidade de Remanescentes Quilombolas Lagoinha -BA*, explana sobre a variação presente no *corpus* da pesquisa – objeto de pesquisa; o processo da inserção do *a gente* no quadro pronominal e a análise dos fatores sociais e linguísticos influenciadores no processo de variação;
- (iv) *As considerações finais* em que mostraremos os resultados obtidos e a importância desse estudo nos campos linguístico.

Assim como afirma Dante Lucchesi (2009, p. 41) “a compreensão da realidade sociolinguística brasileira atual, bem como de sua formação histórica, constitui um amplo campo de pesquisa ainda a ser devidamente explorado pelos sociolinguistas”. Dessa forma, é importante o estudo da pesquisa nessa perspectiva, acompanhado os passos da língua, e a constituição\ formação das variações em seus contextos no uso real.

2 AS RAÍZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM CONTEXTO DE HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

A Língua Portuguesa, especialmente no Brasil, deve considerar uma língua com caráter dinâmico. Pensar de forma objetiva sobre a dinâmica da língua, que tem a propensão de se inovar e renovar ao mesmo passo que a sociedade evolui, é compreender que essa língua se desenvolve e se modifica.

A língua é esse produto social, que se modifica ao longo do tempo, com a inserção de gírias, novos significados para as palavras, e acontece de forma quase imperceptível, pois estamos incorporados dentro de uma sociedade viva\ ativa, que acaba adaptando esses signos linguísticos pelo o qual nos comunicamos, a língua, que vem a resultar na variação linguística que é uma representação da variação social.

Como afirma Mattos e Silva (2004) o português brasileiro, como outras línguas também, tem além de caráter heterogêneo, uma história de contatos linguísticos, o que pode ser melhor compreendido quando buscamos entender a constituição histórica do Português Brasileiro, visto que essa língua nasce de encontros de línguas que foram adulteradas por vários cruzamentos, principalmente no processo de colonização.

A história linguística brasileira é essencial entender o transcurso da relação sócio-histórica e linguística, que é uma língua nascida do encontro da “língua adulterada de negros e índio” (SILVA NETO, 1963, p. 21), dessa forma a heterogeneidade pode ser vista como a base das mudanças na língua.

Nesse contexto, torna-se importante analisar como a língua portuguesa chegou ao Brasil e de que forma se inseriu e se constituiu, o que nos remete ao primeiro encontro de línguas. Portanto, cabe entendermos esse encontro das línguas bases –indígenas, portuguesa e africanas –, sem deixarmos de tencionar como os agentes dessas línguas foram conduzidos na história social do país, nas relações de poder político e econômico, e que ainda permanecem marcadas pelos impactos e fissuras que podemos observar na língua.

Sem dúvidas, a história linguística do país mostra o contato do português com outras línguas e com outros povos, o que, possivelmente, favoreceu o surgimento de peculiaridades no português brasileiro. Dessa forma, é preciso pensar na língua como viva e dinâmica, sendo assim um produto de alterações e influências ao longo do tempo. Nesse sentido, buscaremos compreender no subitem 1.1, intitulado *A constituição da Língua Portuguesa no Brasil*, que é escrito na tentativa traçar uma breve história da constituição do português brasileiro desdobrando caminhos que perpassam pela língua, história e cultura de

povos.

2.1 CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Devemos considerar a história do português no Brasil com base em dois aspectos: o português popular e o culto, essa divisão é abordada a partir da observação do multilinguismo ocorrido neste território. A história nos revela que em 1500, com a chegada da língua portuguesa, já existiam as línguas indígenas, as quais tinham suas próprias línguas, costumes, culturas, crenças, entre outras peculiaridades, mas por outro lado a história nos omite muitas questões inerentes, principalmente, as línguas desses aborígenes. Nesse sentido, buscaremos, ainda que superficialmente, demarcar tais questões para que seja possível compreender um pouco mais sobre a constituição do português brasileiro.

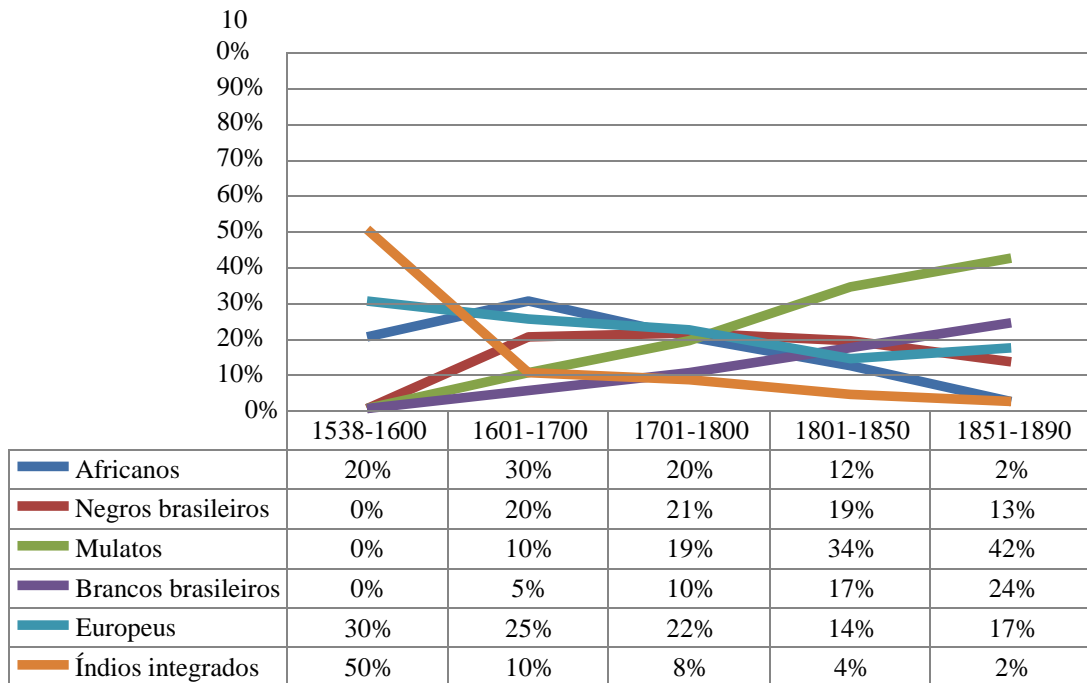
Hoje não há dúvidas que a implantação da língua portuguesa no Brasil foi um processo longo e invasivo, na relação de colonizado e colonizador, causando assim um período catastrófico, com muitas guerras, em que tribos completas foram dizimadas.

Conflitos interétnicos existiram desse sempre, opondo as tribos indígenas umas às outras. Mas isso se dava sem maiores consequências, porque nenhuma delas tinha possibilidade de impor sua hegemonia às demais. A situação muda completamente quando entra nesse conflito um novo tipo de contendor, de caráter irreconciliável, que é o dominador europeu e os novos grupos humanos que ele vai aglutinando, avassalando e configurando como uma macroetnia expansionista. (RIBEIRO, 1995, p. 153)

Os portugueses destruíram várias tribos e a falta de comunicação foi um grande desafio para a época, pois sem comunicação entre os portugueses e os indígenas acarretavam a desentendimento e mortes. Nesse contexto, os jesuítas tiveram um papel importante, pois eles aprendiam e usavam a língua local, tentando compreender a língua geral¹(o tupi de intercurso).

Sem deixar de mencionar as muitas línguas africanas chegadas aqui através do tráfico negreiro, visto que no período somente a mão de obra dos índios não eram suficientes, assim os portugueses investiram em trazer os escravos da África. A vinda dos escravos incorpora no Brasil um novo cenário demográfico, como podemos observar através dos dados de Mussa (1991):

¹ “O número de mestiços, chamados então de mamelucos, cresceu tanto usando a língua tupi (ligeiramente modificada pelo convívio com a portuguesa) que esta foi difundindo-se e passou a ser chamada de língua geral” (RODRIGUES, 2010, p. 37).

Figura 1 - Demografia histórica do Brasil

Fonte: MUSSA (1991, p.163 apud MATTOS E SILVA, 2008, p. 101).

Observando a *Figura 1* percebemos que o número de europeus e indígenas caiu, enquanto o de mulatos e brancos brasileiros cresceu. Portanto, o primeiro período é considerado aquele em que as línguas eram aprendidas pela necessidade, sendo um período de bilinguismo. Com a chegada dos africanos e a inter-relação entre essas línguas é considerada multilinguismo. Essa língua geral atuou como um meio de relação entre línguas, sendo uma questão bastante complexa a ser estudada. De acordo a Mattos e Silva (2004, p. 11):

[...] o processo do encontro entre a língua portuguesa, língua de dominação, com muitas línguas autóctones e as diversas línguas aqui chegadas, primeiro as africanas, depois as línguas de imigrantes, que tornaram esta área americana, multilíngüe de origem, ainda mais complexa lingüísticamente.

Começamos a pensar o porque do Português Brasileiro criou raízes, mesmo os falantes europeus sendo minorias, observando o números de habitantes. Olhando através das línguas que participaram da formação da sociedade brasileira no século XVI, a imigração teve grande contribuição por causa da mão escrava. Nessa perspectiva os portugueses quando começaram o tráfico de escravo tinha a política de manter os africanos que tinham línguas diferentes no mesmo lugar para assim evitar as rebeliões, mas eles

criam estratégias de comunicação aparecendo as línguas de emergência o Pidgin², uma fala mais reduzida.

Assim, percebemos que a quantidade de habitantes no Brasil ao longo do tempo teve grandes mudanças, os índios foram quase que completamente dizimados e a população africana crescendo, como mostra a *Tabela 1*:

Tabela 1- Estimativa da população no Brasil

Período	População indígena	População europeia e africana	População total	% de população indígena
c.1500	400.000.000	-	400.000.000	100,0
c.1822	800.000	3.596.132	4.396.132	18,1
c.1889	215.000	13.733.915	13.948.915	1,5

Fonte: Venâncio (2007, p. 361)

Observamos que o país era constituído de múltiplas línguas, o português europeu, para marcar sua hegemonia linguística, proíbe, através do decreto do Marques de Pombal, em 1757, a utilização das línguas indígenas em todo o território brasileiro.

Desse modo, os índios e africanos não poderiam usar suas línguas de origem, pois foi decretado proibido o uso das línguas nativas, o que fez com que a língua portuguesa fosse se adequando a situações emergenciais. Tal fato possibilita alguns autores afirmarem que a língua africana, assim como a língua indígena, teve contato com a língua portuguesa: “[...] ao desembarcar no Brasil o negro novo era obrigado a aprender o português para falar com os senhores brancos com os mestiços e com os negros crioulos, e a língua geral [africana] para se entender com os parceiros ou companheiros de escravidão” (NINA RODRIGUES, 2004[1935], p. 147).

Não deixando de mencionar, que com os contatos com outras línguas acabou que se afastando da língua portuguesa falada em Portugal, mas em 1808 com a chegada da família real, a língua portuguesa começou a ganhar força, com a grande quantidade de agentes falantes do português de Portugal, outro fato de importância para o estabelecimento de nossa língua se deu em 1822 com a independência no Brasil, que recebeu vários povos imigrantes, que deduzimos ao fato de que o país seja cheio de diversidade linguística.

² O pidgin é uma língua de emergência usada para a comunicação em que as pessoas são de línguas maternas diferentes, então é forçado a aprender uma segunda língua como auxiliar de uma linguagem comum.

Podemos notar, dessa forma, que a história da língua portuguesa, no Brasil, foi uma luta de poder de dominadores e dominados, o que, certamente, influenciou na construção da denominada Língua Portuguesa, por isso a importância de estudos nessa perspectiva, já que, como ressalta Cunha (1981, p. 23),:

é este conhecimento que nos falta do português do Brasil. Cumpre-nos, pois, estudar a realidade presente, não só por ela mesma, nem apenas para dela partimos em busca de uma reconstrução do passado, mas principalmente, para com ela orientarmos, planejarmos o nosso futuro.

Como afirma Vivian Meira (2009, p. 32) “falar, portanto, de uma língua é falar da história da sociedade onde ela é falada, o que não seria diferente com a língua portuguesa chegada ao Brasil no século XVI”, assim é atribuída pelos usuários da língua, novos significados e novos valores, pois a língua tem o seu funcionamento a partir da sociedade por onde é influenciada, com o seu caráter inovador e dinâmico que a faz capaz de ser mutável.

2.2 DINAMICIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ao se falar de língua, logo fazemos referência com um caráter dinâmico e inovador, visto que a fala estabelece uma relação e uma ligação de elementos, de proporções com as formas antigas e as novas, vinculado com o social, sendo assim, refletindo nas condições internas e externas ao seu sistema complexo e dinâmico.

Como Bagno (2015, p. 168) afirma, a língua “é viva, dinâmica, está em constante movimento”, e esse movimento, sem dúvidas, vai marcando a identidade de um povo. Cada povo, assim, possui suas particularidades linguísticas que individualizam seus domínios e suas interferências culturais. Portanto:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações [...] são essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um, procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção. (CUNHA, 1975, p. 57).

Percebemos, assim, que a língua é o reflexo da sociedade, as duas caminham simultaneamente, reajustadas de acordo com as necessidades dos falantes. Temos por conhecimento que as línguas evoluem, nós sujeitos dentro de uma sociedade que tem por meio de comunicação a linguagem, com seu caráter heterogêneo e com uma dinamicidade singular com seus contextos cultural, social e histórico.

Estudos linguísticos comprovam constantemente que as línguas sofrem diversas variações e mudanças, que segundo Faraco (2005) mesmo com toda essa dinamicidade ela consegue abarcar o objetivo de comunicação entre sujeitos, tendo suas estruturas, organizações e sistemas. A língua com sua dinamicidade se adapta em alguns componentes como a histórica, os grupos sociais que estão inseridos, a região que é usada, e o estilo, ou seja, a situação de uso dela começamos a entender o objetivo da Sociolinguística que estuda esses componentes.

Um dos espaços para se estudar e pesquisar as variações da língua, além de ser um espaço de força, são as comunidades quilombas que tiveram grandes importância para a formação do português brasileiro.

2.3 COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO

Como já foi visto anteriormente, no Brasil o vínculo entre negros e portugueses foi intenso durante o período da escravidão e após a abolição. Quando pensamos em uma língua brasileira, não podemos deixar de tratar na importância das heranças linguísticas deixados pelos povos que por aqui passaram, já que a identidade linguística brasileira é marcada por diversas influências, entre elas, a afrodescendente que transcorreu em diversas áreas na culinária, nas crenças\religião, vestimenta, entre outras e na língua, como afirma Yeda Pessoa de Castro (2001, p. 129):

O influxo de línguas negro-africanas no português do Brasil não se limitou aos aportes de vocabulário, porque foi mais profundo do que se admite como parte do processo de configuração do perfil da língua falada no Brasil e das diferenças que a afastaram do português falado em Portugal [...]. O grau de resistência oferecido à mudança e à integração pelos diferentes povos africanos que foram transplantados para o Brasil durante a escravidão é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos que lhes foram mais ou menos favoráveis e não devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outras, como se tem pretendido [...].

A língua é uma ferramenta de poder, os africanos eram considerados “inferiores”, sua cultura e sua língua também por causa dos preconceitos enraizados. Hoje com estudos e pesquisas sabemos o quanto o negro foi importante para a formação em diversos segmentos e na língua é irrefutável a existência da herança de origem africana, os quatro milhões de negros atuaram no sistema linguístico do português brasileiro fizeram o português do Brasil diferenciar-se do português de Portugal.

Durante alguns séculos o número de habitantes de negros era muito grande, o que oportunizou essa interferência da língua africana na formação do Português Brasileiro como

resultado socio-histórico, pois mesmo as circunstâncias daquela época, os afrodescendentes conseguiram aprender o “português” mesmo com muita dificuldade para conseguir comunicar entre si, dando singularidade na língua e o aportuguesando:

O Brasil era habitado por um contingente de negros escravizados, superior em número ao de portugueses, e falavam línguas nativas articuladamente humanas. Levados a adquirir a língua do colonizador como língua estrangeira, terminaram imprimindo, necessariamente, nesse novo falar hábitos linguísticos de seu falar materno que proporcionaram a configuração da modalidade da língua portuguesa transplantada para o Brasil. (CASTRO, 2012 p. 21-22).

Desse modo, não podemos negar que os negros foram de grande importância na constituição da identidade brasileira e na formação do Português Brasileiro. O contato dos negros com os portugueses possibilitou a influência no vocábulo misturado com as línguas africanas que constituem o português brasileiro, também podendo ser visto dentro dos costumes, da religião, entre outros contextos, esses que refletem a história.

Atualmente podemos ver a participação das línguas africanas na oralidade e ainda mais forte dentro de comunidades quilombolas, com expressões decorrentes dessa africanização da língua presente na construção identitária. No Brasil, por muito tempo, houve a tentativa de homogeneização, como uma ferramenta para não vermos as diferenças étnicas presentes na nossa sociedade, a identidade vem como o modo de caracterizar o indivíduo dentro de um grupo social, dessa forma, mostrando as diferenças que existem.

A identidade é esse reconhecimento no individual e no coletivo, essa quebra de estruturas arraigadas. Nesse processo está o reconhecimento dos negros, que são lembrados pela sua ancestralidade, sua luta, força e resistência que podemos ver no transcurso da formação das comunidades quilombolas.

A escravidão negra africana que ocorreu com muita intensidade no século XVI ao XIX, com milhões de africanos vindos pelo tráfico, forçados a sair de sua terra, deixar seus familiares, vendidos como animais e submetidos a trabalho sub humano com castigos, punições, como Funari (1996, p. 27) afirmou, “os africanos no novo mundo foram submetidos a sacrifícios inomináveis”. Desse modo, com tanto sofrimento eles fugiam em busca de melhores condições de sobrevivência. Sendo assim, o que se sabe é que:

[...] onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos, mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantação, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual ou coletivamente. Houve, no entanto, um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão- e de outras formas de trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. A fuga nem sempre levava a formação desses grupos. Ela podia ser individual ou até grupal, mas os escravos terminavam procurando se diluir no

anonimato da massa escrava e de negros livres. (REIS; GOMES, 1996, p. 9).

Assim como Reis e Gomes (1996) explanam, os escravos refugiavam-se na mata para escapar do trabalho escravo, era considerado quilombola o grupo de fugitivos que tinham cinco ou mais negros juntos. Foi uma forma de resistência e luta, com diversos tamanhos, mistura de línguas, seu cultivo como meio de alimento, assim conseguiam se organizar politicamente, religiosamente, e poderiam usar suas línguas, sua cultura e tradições, longe de toda opressão.

Os quilombolas viviam em constante medo, construindo várias formas de defesa, pois havia muita perseguição, o quilombo era o estado independente do Estado colonial, que tentava reconstituir um ambiente que existia na África, sem esquecer-se de mencionar o grande Quilombo dos Palmares.

O quilombo dos Palmares se tornou um grande símbolo dessa força, de resistência e territorialidade no período colonial, com o grande líder, o Zumbi que lutou para preservar e ampliar os direitos das comunidades. No entanto, o conflito se manteve por anos e assim como outros quilombos foi destruídos e muitos negros assassinatos. Zumbi morreu em 20 de novembro, nesse dia se comemora o dia da consciência negra, mas seus descendentes vivem até os dias de hoje nas margens da sociedade sendo excluídos:

Para além de Palmares e toda a sua tradição de liberdade que atravessou o final do século XVI até o primeiro quartel do século XVIII, outras tradições de formação de comunidade de escravos fugidos surgiram em contextos diferentes do Brasil colonial. Assim como Palmares e assustaram sobremaneira as autoridades metropolitanas e coloniais. A memória de Palmares, além de ficar gravado na mente das autoridades e senhores na virada dos setecentos, proporcionou mudanças na Legislação escravista para a repressão dos quilombos e fugitivos. (GOMES, 2008, p. 451).

Em 1888 a princesa Isabel assinou a lei Áurea, mas não deu os mesmos direitos e igualdade aos negros, pois tudo era negado, emprego, educação, saúde entre outros. Mesmo depois de 100 anos do decreto, com a constituição brasileira de 1988, os quilombolas sofrem para conseguirem os seus direitos dentro da sociedade, para demarcar suas terras e serem reconhecidos como comunidade quilombola, assim como os artigos 215 e 216 da constituição, esclarece alguns direitos que abre o caminho para as lutas:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura Nacional e apoiará e incentivará a valorização dessas manifestações culturais. §1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório Nacional. Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à

identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados as manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico. (EC, n. 42/2003).

Os quilombos ainda são oprimidos, sofrem preconceito, lutam para conseguirem seus direitos de reconhecimento de terras, que foram dos seus antepassados, sendo de extrema importância essa resistência, estes direitos que consta na constituição como visto acima oportunizam essa proteção e reconhecimento. Em 2003, o presidente Lula assinou o Decreto 4.887 que dar mais força às lutas, pois vem a reger a normatização da identificação e a definir o território como remanescente quilombola, é um sistema muito complexo com vários critérios a serem seguidos, como exemplo alguns deles:

1. Identificação - Manifestação da própria comunidade quilombola, favorecendo informações sobre a localização da área, para iniciar o processo de certificação pelo órgão competente. Isso dá início ao registro do seu processo de território histórico, suas relações com o território reivindicando o que faz esta comunidade se autodefinir como ela;
2. Conhecimento – A comunidade faz sua inscrição de autodefinição como quilombola no Cadastro Geral da Fundação Cultural Palmares a FCP;
3. Delimitação – Mapeamento dos lugares utilizados pelos quilombolas a partir dos próprios moradores;
4. Demarcação – Encaminhamento do território delimitado pelos quilombolas “a comunidade pode e vê fazer um mapa” e enviar ao órgão competente;
5. Desintrusão – O INCRA retira do território quilombola toda e qualquer pessoa não quilombola que não esteja habilitado e exercendo algum tipo de produção no território;
6. Após levantamento, o INCRA envia relatório para o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Serviço de Patrimônio da União (SPU), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Fundação Cultural Palmares (FCP), todos órgãos federais. (BARATA, SILVA, BARROS, 2014, p. 20).

Todo esse processo é longo e demorado, visto que abrange maiores questões como política, em que muitas comunidades sofrem para serem reconhecidas e demarcadas. As antigas comunidades tinham uma função de fortaleza, de se esconder do sistema, o Brasil avançou e esses quilombos foram sendo afastados\ excluídos, passaram de ser destruídos para não vistos, entretanto, eles resistiram.

Apesar de ter pouca visibilidade, é tratado como algo do passado, mas eles ocupam esse lugar de poder, os negros tem uma história de luta e contribuíram profundamente em todos os aspectos, na língua, na cultura, na vestimenta, entre outras heranças que é nossa matriz cultural africana que sobreviveu e permanece, mas que ainda não conhecemos

devidamente.

Com todas as lutas as comunidades se mantiveram fortes e atualmente de acordo aos dados da Fundação Cultural Palmares da portaria nº 88/2019, publicada no dia 13/05/2019, o estado da Bahia é o que contém mais comunidades quilombolas sendo 801 das mais de três mil reconhecidas ao todo no Brasil.

Assim, mesmo com o passar dos anos, gerações ainda permanecem do mesmo lugar dos seus antepassados, e a tradição, sabedoria popular, crenças são passado dos mais velhos para os mais novos, e reconstroem nossa identidade e nossas raízes. O que podemos afirmar é que as comunidades quilombolas é um espaço significativo de força e resistência, a memória histórica repassada\compartilhada pela oralidade nos faz entender, hoje, a importância dos negros para a formação da nossa língua e de nossa identidade cultural.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Por muito tempo acreditavam que a língua, na perspectiva formalista, deveria ser estudada a partir de suas características internas supondo que a língua é um sistema de signos considerado homogêneo e rígido, com avanços de pesquisas começaram a ampliação dos estudos da variação, surgindo a Sociolinguística que compreende que a constituição da nossa língua está estritamente relacionada com o processo do contato que teve na colonização, assim deve ser vista como uma língua que foi resultada do contato com línguas e culturas diferentes.

Assim a Sociolinguística busca preencher algumas lacunas na relação de sociedade e língua, a partir de análise através das variáveis sociais e linguísticas. Dessa forma, por meio de coletas de dados de falas espontâneas e a transição dessas falas, de indivíduos da comunidade quilombola *Lagoinha*, buscaremos investigar a variação entre o *nós* e o *a gente*.

3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é um ramo da linguística, que vem fazer ligação entre a sociedade e a linguagem. Por muito tempo a linguística estudava o sistema linguístico sem o olhar para o contexto social, sendo esse primordial, pois há uma necessidade de identificar e analisar esses fatores sociais que influenciam diretamente a linguagem.

Esse processo não aconteceu de forma imediata e nem aceita de forma tranquila por muitos linguísticos. Assim na década de 1960 a Sociolinguística deu um grande passo com William Bright, que realizou uma conferência com vários estudiosos da época para explicar e discutir sobre os fatores sociais que influenciam a língua falada, como Alkmim (2001, p. 29) afirma: "julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros, isto é, as atitudes linguísticas".

Após essa conferência, vários estudiosos como Edward Sapir e Benjamin L. Whorf, ampliaram ainda mais para tratar desses fenômenos linguísticos, e em 1963 William Labov que também fez parte da conferência, publicou o seu trabalho na Ilha de Martha's Vineyard, na comunidade que elucidou os estudos dos fatores sociais por meio da variação linguística.

Labov que elaborou os pressupostos teóricos e metodológicos da teoria da variação, que estuda a mudança e a variação da língua dentro dos contextos sociais, evidenciando a estrutura linguística, indo de sentido oposto aos pensamentos tradicionais "o propôs como

uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 1994, p. 7).

Desse modo, a teoria laboviana esclarece que existem vários fatores que vem a influenciar o funcionamento da língua. Como afirma Tarallo (1994, p. 25), “[...] para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação”, estudar a língua no seu uso real, sabendo que a mesma é heterogênea, e que ao mesmo passo que a sociedade muda, ela, como produto social, também sofre variações e mudanças de diferentes níveis.

Dentro dessas variações podemos ver dois fatores: internos (linguísticos) e os externos (extralinguístico ou sociais), sendo os internos aqueles ligados a estrutura da língua e os externos relacionados a fatores sociais como sexo, idade, entre outros. Sendo assim, podemos inferir que esses elementos podem influenciar a fala do indivíduo e caberá a sociolinguística estudar a mutabilidade da variação da língua, investigando os efeitos dentro do comportamento dos usos linguísticos.

Esses aspectos foram deixados de lado, desconsiderados por muito tempo, mas a medida que esses conhecimentos se desenvolveram, esses estudos vieram a favorecer também a diminuição do que chamamos de preconceito linguístico, pois muitas pessoas ainda não compreendem as variações. Portanto, Camacho (2006, p. 55) afirma que:

[...] a linguagem é sem dúvida alguma, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sócio-interacionais. É até por isso que, vale repetir, o próprio uso do termo sociolinguística são um tanto redundante. [...] a sociolinguística trata da estrutura e da evolução da linguagem, encaixando-a no contexto social da comunidade [...]

Assim, a sociolinguística impulsionou diversos estudos concentrados nas variações e mudanças dentro das comunidades de fala, e transpassou a ideia de que a língua era homogênea, mostrando que a língua é mutável e variável e que não acontece de forma irregular como pensavam os formalistas, mas tem forma sistemática e ordenada, que podem ser observadas e identificadas em muitas análises feitas a partir de dados.

A Sociolinguística é essa relação\ligação da língua com a sociedade, tendo por base teórica os pressupostos de William Labov, que traz amostra e resultados através de dados estatísticos e das variáveis a partir da língua falada. Assim, entendmos que a Sociolinguística é uma ciência autônoma que atua com a extrema relação de sociedade e fala, a partir do contexto, cultura, modos, costumes, tradição, investigam as variações, os fenômenos e o processo de mudança. Dessa forma, cabe frisar que

[...] a diversidade linguística em nosso país foi comumente encarada com visões preconceituosas, visto que a constituição da nossa língua está ligada a história dos diferentes povos, que entraram em contato na colonização de nosso povo. Por

isso, para se compreender o porquê do português do Brasil apresentar traços distintos dos de além-mar, se faz necessário observar o contexto sócio linguístico no qual ele foi implantado, ou seja, a diversidade linguísticas brasileira deve ser compreendida como resultado do convívio, na colonização de diferentes povos, com suas próprias línguas e culturas. (MEIRA, 2009. p. 32).

Ao se estudar a língua de uma comunidade nos deparamos com diversas variações, sendo os membros homens, mulheres, de diferentes idade, escolaridade, que desenvolvem diferentes funções na sociedade, sendo normal encontrar situações reais e diferentes de se comunicar socialmente. Como Cunha (1975) afirma:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações [...] são essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um, procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção. (CUNHA, 1975, p. 57).

Assim, podemos afirmar que a linguagem sofreu\sofre diversas mudanças, a língua era estudada apenas por sua estrutura, sem estudar o contexto assim focalizando mais na parte da língua, deixando assim uma lacuna sendo estudada pela sociolinguística. Tiveram várias modificações que por muitas vezes estudos por caminhos diferentes ao longo do tempo, como o formalismo e funcionalismo entre outros, até chegar na sociolinguística que é o viés da base desta pesquisa.

Nessa perspectiva começa a olhar a linguística como uma ciência social, com os pensamentos para que estabeleça o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa, com essa observação nas mudanças, pode ver a variação dentro da estrutura social, assim como esclarece: “sendo a língua um meio de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, está claro que há forças sociais que agem sobre essa interação.” (OLIVEIRA, 2006, p. 45).

Cabe informar, que as análises no âmbito da Sociolinguística quantitativa são tratadas de forma estatística (quantativa), hoje contando com auxílio de ferramentas computacionais, assim como o Goldvarb X.

3.2 DA COLETA A ANÁLISE DOS DADOS

Para desenvolver a análise e descrição acerca do processo de variação do *a gente* e do *nós* faz-se fundamental definir procedimentos metodológicos coerentes com os objetivos e objeto de investigação. Nesse sentido, Goldenberg (1999, p. 11) explica que “a

metodologia é muito mais do que algumas regras de como fazer uma pesquisa. Ela auxilia a refletir e propicia um ‘novo’ olhar sobre o mundo: um olhar científico, curioso, indagador e criativo”.

O instrumento de coleta de dados é a partir de entrevistas gravadas, registro de fala espontânea, com perguntas abertas e simples sobre a vida e o cotidiano, para conseguir o objetivo da pesquisa – coletar o vernáculo –, com duração entre 45 à 55 minutos. Esses áudios foram submetidos a transcrição, no intuito de permitir o mapeamento dos dados da ocorrência das variantes *nós* e *a gente*.

Os dados coletados para esta pesquisa serão analisados através do método quantitativo de análise, através da ferramenta computacional GOLDVARB X, uma versão atualizada VARBRUL (Programa das Regras Variáveis), uma vez que através desse programa é possível observar quantitativamente as questões inerentes ao processo de variação e mudança linguística, permitindo ao pesquisador, comparar, de forma sistemática e estatística.

A partir dessa ferramenta computacional poderemos observar as variáveis que serão analisadas, sendo ela a variável dependente, em que estuda o próprio fenômeno na oscilação entre a presença do *nós* e do *a gente* em sua forma mais ampla, os fatores sociais sendo o gênero e a faixa etária e os fatores linguísticos tratando da presença ou ausência de concordância, da posição do *nós* e do *a gente* dentro da oração, e o tempo verbal que vem a corresponder ao passado, presente ou futuro. Assim Guy (2007, p.33-34) afirma sobre a variável:

A análise da regra variável é um tipo de análise multivariada altamente empregada em estudos de variação linguística hoje em dia. Seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. Esses fatores condicionantes podem ser tanto sociais [...], ou linguísticos.

A variação social é relacionada com fatores de grupos sociais, como a organização de uma comunidade, a faixa etária, o gênero, o contexto social, escolaridade, entre outros que influenciam diretamente a língua, pois a língua representa a identidade social e cultural que está se adaptando e sendo moldada socialmente.

Desse modo, o presente estudo propõe uma abordagem quantitativa para os dados coletados em campo. De acordo com Fonseca (2002, p. 20) este tipo de estudo “[...] recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”..

Além disso, para Michel (2005, p. 58) “a pesquisa quantitativa é um método de pesquisa social que utiliza a quantificação nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento, mediante técnicas estatísticas, tais como percentual, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outros”.

Para tanto, faz-se necessário, também, a descrição dos dados, permitindo ao leitor compreender como o fenômeno, no caso desta pesquisa a variação entre o *nós* e o *a gente*, encontra-se no português brasileiro. Dentro dessa perspectiva, adota-se, para a posterior análise dos dados, os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, em amostra de situações reais de falas espontâneas.

3.2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

O *locus* da pesquisa é *Lagoinha*, uma comunidade\vila pertencente ao município de São Gabriel, no estado da Bahia, distante 42 km da sede São Gabriel, sendo uma das vilas mais importantes deste município. Lagoinha se avizinha com dezenas de outros povoados. Alguns curiosamente ostentam nomes com o mesmo radical: Lagoa de Fora, Lagoa Grande, Lagoa do Meio e Lagoa Nova.

Figura 2 - Localização geográfica nos limites da região



Fonte: Sistema de Informações Territorial- MDA, 2006³

Lagoinha é uma comunidade rural cuja agricultura se baseia predominantemente no cultivo de mamona, milho e feijão, sua população atual é de aproximadamente 700

³ Mapa disponível no site: http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio050.pdf

habitantes, conforme censo realizado em 2007. A história da comunidade consiste que em 1922, José Bernardo e Martiniano Reis este conhecido como “baião” saíram da conhecida vereda do jacaré sendo um famoso rio que corta o estado da Bahia, foram atrás de uma famosa lagoa em *Lagoinha*, pois tinha uma lenda de ser encantada e ter pedras preciosas, mas ao chegar se depararam com uma terra que seria boa para o plantio, e atualmente sua agricultura assentada na plantação de milho, mamona e feijão.

Na comunidade quilombola Lagoinha a língua teve influências para a estrutura e os modos da linguagem, uma das influências é a religião que se mostra muito forte e presente, que de certa forma guarda a cultura negra como o Candomblé, Umbanda que constroem uma linguagem mística e rica de heranças linguísticas.

Outro fator importante que direciona a língua através das mudanças é a posição geográfica, pois para os moradores se locomoverem para qualquer lugar entrada ou saída da comunidade, necessita passar na única rua da comunidade, em que ocasiona a interação verbal, ao modo que acontece o diálogo entre os moradores com os visitantes, resulta em um compartilhamento e influenciamento dos modos de falar, adaptando assim a língua.

Essa interação verbal antigamente se dava com o comércio existente, os chefes de família iam nas cidades vizinhas passando a ter contato com novos vocábulos que com o passar do tempo surge as mudanças na oralidade, desse modo a comunidade trazia consigo essa miscigenação linguística, com o tempo percebeu o desuso de muitos vocábulos e a adesão de outros, destaque de que é especialmente através da língua que as diferenças e variações se encontram.

Nessa mesma década, a comunidade passava por diversas crises como a falta de água que se dava apenas pelas cacimbas que não era suficiente e trazia muitas complicações, também se alastrava uma forte falta de alimentos, já que a economia era em torno somente da agricultura, mas ao longo dos anos seus direitos têm sido ampliados, trazendo melhorias.

Algo importante a ser ressaltado é a educação de *Lagoinha*, a qual antigamente se dava depois do período de colheita, pois como as chuvas eram escassas exigia uma maior agilidade no processo de plantar e colher, assim todos participavam com a mão de obra, o ensino se limitava em instruir a leitura, escrita e operações matemáticas com duração de quatro meses, caso aprendesse não precisava mais voltar a “escola”.

Reconhecida pela Fundação Palmares⁴ como remanescente de Quilombo, em 13 de Março de 2007, *Lagoinha* ganhou outro olhar rumo ao desenvolvimento social, o de reconhecer e valorizar as raízes negras e de descendência afro que permeia o seu seio e que que atravessa o seu percurso histórico para um auto-reconhecimento.

3.2.2 AMOSTRAGEM

No intuito investigar a variação linguística encontrada na comunidade quilombola, denominada de *Lagoinha*, sem deixar de olhar para a história desse povo, montamos nosso *corpus* oral a partir dos respectivos critérios sociais ou extralinguística, conforme *Quadro 1*:

Quadro 1 - Composição do *corpus*

GÊNERO MASCULINO		GÊNERO FEMININO	
Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária I	Faixa etária II
Informante1	Informante2	Informante3	Informante4

Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa forma, para esta pesquisa trabalharemos com 04 (quatro) informantes, composto assim 02 (dois) idosos de mais de 60 anos e 02 (dois) jovens até 30 anos, definidos sexo masculino e feminino e com escolaridade até o quinto ano (quarta série). Dessa forma, iremos analisar a variação entre *nós* e *a gente*, apresentando quantitativamente o uso dessa variação, e como é influenciada a escolha do uso, com as variáveis sociais, linguísticas.

Conforme propõe Labov (2008 [1972]) numa pesquisa sociolinguística é importante termos o cuidado ao montarmos o *corpus*, uma vez que a escolha dos informantes que irão compor a amostra, refletirá em fatores extralinguísticos, ou sociais, que subsidiarão as futuras análises, já que através deles podemos encontrar explicações para fenômenos que se encontram em processo de variação na língua.

⁴ É importante esse reconhecimento pela Fundação Palmares, pois dá visibilidade e assegura os direitos da comunidade, além de proteger os quilombos.

4 A VARIACÃO ENTRE NÓS E A GENTE NA COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS LAGOINHA -BA

A língua é influenciada por diversos fatores, externos e internos, como vimos anteriormente, sendo assim uma das funções da Linguística é estudar todo e qualquer tipo de variação linguística, compreendendo a língua como um sistema heterogêneo, vivo e mutável. Desse modo, nesta seção, observaremos quais fatores, sociais e linguísticos, propiciam a variação entre o *nós* e o *a gente*, em corpus oral da comunidade de remanescentes quilombolas Lagoinha – BA.

Como apresentado na seção 2.3, analisaremos quantitativamente os dados obtidos através do mapeamento do fenômeno em transcrições de amostra das falas, em contexto informal, de moradores da comunidade de remanescente quilombolas. Os dados foram processados por meio do programa ferramenta computacional GOLDVARB X, uma versão atualizada VARBRUL (Programa das Regras Variáveis). Para contextualizarmos os resultados obtidos, na subseção 4.1 apresentaremos o percurso histórico do *nós* e a do *a gente*, através de trabalhos já realizados sobre o fenômeno variável..

4.1 O PERCURSO HISTÓRICO DO *NÓS* E DO *A GENTE*

A linguagem está presente em todo o processo de comunicação e é estudada de várias maneiras, sob várias perspectivas teóricas. Gramaticalmente entende-se a língua e seus elementos com função reguladora da linguagem a partir de suas estruturas de uso. Nesse contexto, as gramáticas tradicionais são utilizadas como estabelecimento de normas para falar e escrever “corretamente”, configurando e estabelecendo uma padronização de língua, especialmente quando pensamos na língua escrita, pois a falada tem fenômenos em que ocorrem rupturas nas normas gramaticais pelas grandes possibilidades de flexões e dinamicidade da fala.

Desse modo, é essencial para nosso estudo entender que as gramáticas têm divisões específicas entre elas a morfologia, em temos as classificações das palavras em classes gramaticais, sendo elas: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Para esta pesquisa, nos atentaremos aos pronomes.

Nesse processo partimos do conceito de pronome de Bechara (2009, p. 162) para depois pensarmos na inserção do pronome inovador *a gente*:

É a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do

contexto. De modo geral esta referencia é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada no discurso.

No entanto a fala, com sua flexibilidade, tem sido possível observar que no quadro pronominal do português brasileiro, em que tínhamos apenas 6 pessoas do discurso, conforme *Quadro 02*, passamos a ter a inserção do *a gente*, variando com a primeira pessoa do plural *nós*, conforme *Quadro 03*.

Quadro 02– Pronomes pessoais

Singular	1 ^a	Eu	Am-o
	2 ^a	Tu	Am-as
	3 ^a	Ele	Am-a
Plural	1 ^a	Nós	Am-amos
	2 ^a	Vós	Am-ais
	3 ^a	Eles	Am-am

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 03– Pronomes pessoais com inserção do *a gente*

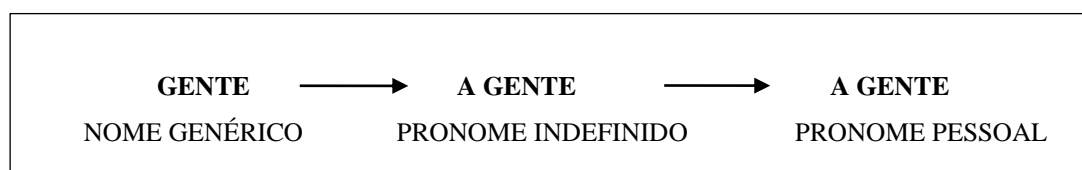
Singular	1 ^a	Eu	Am -o
	2 ^a	Tu	Am-as
	3 ^a	Ele	Am-a
Plural	1 ^a	~ Nós	Am-amos
		~ A gente	Am-a
	2 ^a	Vós	Am-ais
	3 ^a	Eles	Am-am

Fonte: Elaborado pela autora.

A inserção do *a gente* no quadro pronominal é caracterizado por Lopes (2002; 2004) e Omena (2003) como um processo de gramaticalização. As autoras afirmam a trajetória da gramaticalização tenha começado entre os séculos XVII e VXIII, assim entende-se por gramaticalização quando “[...] um item, se lexical, passa a ser gramatical; se gramatical, torna-se mais gramatical ainda” (BRAGA; OMENA, 1996, p. 75).

Desse modo, Omena (2003) esclarece que o substantivo “gente”, com o artigo “a”, que aponta uma primeira pessoa na fala tornou-se o pronome pessoal *a gente* que vem a designar a função do *nós* na oralidade. No esquema que segue, é possível observar melhor a transição do *gente* para o *a gente*.

Quadro 04 - Processo de gramaticalização do *a gente* como pronome



Fonte: Lopes (2004, p. 52)

Desse modo, entendemos como gramaticalização um processo que influencia a

mudança da língua, em que substantivos, adjetivos entre outros, passem nesse processo e se modifique para pronomes, etc, como um meio de se adaptar aos momentos da fala. Omena (1996) afirma que a gramaticalização em que o *nós* e o *a gente* tem os valores conceituais que são relacionados com afinidades, e são bastante usadas nas falas:

Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminador, a referência à pessoa que fala, deitivamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema dos pronomes pessoais, conservando porém com o verbo a mesma relação sintática de terceira pessoa gramatical. (OMENA, 1996, p.189).

Percebemos então a mudança ocorre na flexão do verbo também na fala, usamos o *nós* e *a gente* como uma sentença correspondente, mas o pronome *nós* está relacionado a primeira pessoa do plural, assim o verbo também concorda, a forma *a gente* se realiza no singular e seu verbo se flexiona na terceira pessoa do singular.

A alternância entre *nós* e *a gente* é estudado por vários sociolinguísticos, para poder entender esse fenômeno e como essa variação acontece, pois a língua passa por mudanças para se adaptar as necessidades dos falantes, ainda mais nos ambientes menos formais. Desse modo, as análises que seguem têm por objetivo indicar quais fatores favorecem o uso de uma ou outra variante, na amostra da comunidade de fala analisada. Como afirma Tarallo (1994, p. 33):

É somente a partir do perfil individual das variantes que você poderá explorar as armas de que cada uma dispõe, bem como avaliar os contextos mais favoráveis à derrota de uma e à vitória de outra. A essa descrição detalhada das variantes daremos o nome de envelope de variação.

Sendo assim, é possível afirmar que as variações das formas pronominais *nós* e *a gente* estão presentes, principalmente, na oralidade de falantes do português brasileiro, sendo apontado por estudos sociolinguísticos (LOPES (2004), OMENA; BRAGA (1996), ZILLES (2007)) como um processo de variação no quadro pronominal do PB. Dessa maneira, podemos considerar diversos fatores influenciadores para essas inovações e adaptações na língua falada, e no que tange ao fenômeno em análise, alguns deles serão discutidos adiante, a saber: Variável dependente, gênero, faixa etária, concordância, posição na oração e tempo verbal.

4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE

Estudos feito por Brandão e Vieira (2007) demonstram que o uso do pronome inovador está em crescimento nos últimos 30 anos. Ainda afirmam que por muito tempo a

frequência do uso *nós* ultrapassava o uso do *a gente*, mas em 1990 os dados mostram o avesso, pesquisas apontaram o favorecimento o uso do pronome inovador *a gente* e alguns condicionantes para a tal propagação.

Nesse ponto entendemos que a variante dependente é motivada por grupos de fatores independentes, sendo assim não é uma variável aleatória, e que vem a ampliar ou minimizar a frequência da ocorrência, assim como observaremos na variação entre o *nós* e o *a gente* na comunidade quilombola Lagoinha - BA.

A partir do mapeamento das ocorrências de *nós* e *a gente*, obtivemos um total de 153 ocorrências, sendo 122 para o uso do *a gente* e 31 para o uso do *nós*, em que corresponde percentualmente em 79.7% de *a gente*, e 20.3% de *nós*, conforme *Tabela 02*.

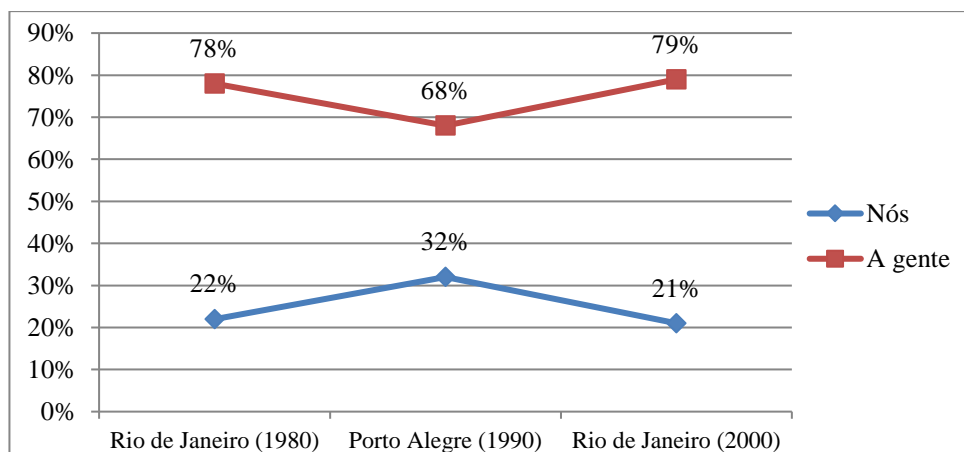
Tabela 02 – Variação entre o *nós* e *a gente* na comunidade quilombola Lagoinha

	Frequência	%
A GENTE	122/153	79.7
NÓS	31/153	20.3

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados encontrados por Omena e Braga (1996), com dados de amostra de fala do Rio de Janeiro, nos anos de 1980 e 2000, e Zilles (2007), com dados de amostra de fala da cidade de Porto Alegre, no ano de 1990, apontam, também, um maior percentual e o favorecimento para o uso do *a gente*, conforme observamos no Gráfico 1 :

Gráfico 1 - Frequência de uso do *a gente* e do *nós* nos trabalhos de Omena e Braga (1996) e Zilles (2007)



Fonte: Elaborado pela autora.

Desta maneira, nossos resultados apontam que na comunidade quilombola Lagoinha os falantes usam mais a forma pronominal *a gente*, assim também como pesquisas realizadas em outros estados (*cf.* Gráfico 1). Assim, Zilles (2007) acredita que o crescimento do uso *a gente* pode substituir o *nós*, configurando um processo de mudança linguística, e o destaca como uma variante inovadora, que se adapta no sistema linguístico e as necessidades de seus falantes.

4.3 AS VARIÁVEIS SOCIAIS E LINGUÍSTICAS

As variações sociais são de grande importância quando pensamos em analisar a língua falada. Para esta análise, trataremos de 02 (duas) variáveis sociais, a saber: gênero, sendo o feminino e masculino, e faixa etária, com adultos até 30 anos e idosos com mais de 60 anos.

Analisaremos as variáveis linguísticas como fatores que influenciam a variação da língua, entre eles analisaremos a presença ou ausência da concordância, pois como vimos os pronomes estudados flexionam os verbos de maneira diferente assim contribuem para a seleção de uso mais frequente entre o *nós* e o *a gente*, outro fator é a posição de sujeito ou objeto e o tempo verbal em que o verbo é exercido, e assim para todas as variáveis iremos comparar com pesquisas feitas anteriormente, como a de Omena e Braga (1996), Zilles (2007), Vieira (2014), Borges (2004), entre outros.

4.3.1 A VARIÁVEL GÊNERO

A variável gênero está relacionado ao sexo masculino e ao feminino, partindo do pressuposto de um pensamento ultrapassado, mas ainda vivenciado do contexto social, sabemos que ao homem e a mulher são “atribuídos” papéis diferentes dentro da sociedade, desse modo, é revelado diversas condições que vêm a influenciar a língua, mesmo que alguns casos sejam de uma forma sutil, assim como Paiva (2004, p. 34) afirma:

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção dos papéis feminino e masculino.

Observando pesquisas realizadas no campo da Linguística, é possível observar que sociolinguistas apontam que as informantes do sexo femininos favoreceram a frequência do *a*

gente, pois tem maior capacidade de abertura para as formas inovadoras, como mostra os dados da frequência do pronome *a gente* levantado por Zilles (2007), em que o masculino porcentualmente foi de 62% enquanto as mulheres com 72% dos casos nas falas da cidade de Porto Alegre em 1990.

Almeida (1995) em contra partida expõe que as mulheres buscam falas com palavras aceitas socialmente, enquanto os homens estão mais acessível às inovações linguísticas se assemelhando aos dados obtidos da fala da comunidade de Lagoinha, em que o uso do *a gente* no gênero feminino é de 73% e do *nós* 27%, enquanto do masculino 86.1% de uso do *a gente* e 13.9% para o *nós*.

Tabela 03 – A frequência de uso de *nós* e *a gente* na variável gênero

GÊNERO	A GENTE		NÓS	
	Frequência	%	Frequência	%
Masculino	68/79	86.1	11/79	13.9
Feminino	54/74	73.0	20/74	27

Fonte: Elaborada pela autora.

Dessa forma, os dados mostram resultados em que favorecem o uso do *a gente* em ambos os gêneros, no entanto, os homens usam a forma inovadora com mais frequência que as mulheres, diferente dos dados obtidos por sociolinguísticas. Em relação à comunidade Remanescente Lagoinha isso pode ser justificado pelos homens terem mais contato com outras regiões, tanto para o comércio como viagens em que de tal maneira esse contato pode a favorecer o uso do *a gente* em comparação com as mulheres.

3.3.2 A VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA

O fator faixa etária é de extrema importância para estudarmos a variação linguística, pois a partir desses estudos podemos perceber a variação ao longo de período, desse modo escolhemos duas faixas etárias, compostas por dois adultos de 18 até 30 anos e dois idosos com mais de 60 anos.

Sabemos que a língua está em constante mudança, e os mais jovens tem a tendência de se adaptarem as novas formas enquanto os de mais idade ainda conservam algumas formas antigas, mas que gradativamente estão se habituando.

Com base nos dados revelados pelos informantes da comunidade em análise,

entendemos que o *a gente* é usado predominante pelos da faixa I através da porcentagem de 97.6% e apenas 2.4% da frequência do uso de *nós*, enquanto da faixa III ocorre o uso do *a gente* em 73.2% versus 26.8 do *nós*:

Tabela 04 - A frequência de uso de *nós* e *a gente* na variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	A GENTE		NÓS	
	Frequência	%	Frequência	%
I (20 até 30 anos)	40/41	97.6	1/41	2.4
III (mais de 60 anos)	82/112	73.2	30/112	26.8

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados apresentados na *Tabela 5* são semelhantes aos de Omena (1996), em que os mais jovens usam mais a forma inovadora *a gente*, os dados são da faixa etária de 15 a 25 anos o peso relativo encontrado foi de 0,84 e da faixa etária acima de 50 anos o peso relativo foi 0.22, outra pesquisa em que se assemelha aos da comunidade Lagoinha, foi o de Zilles (2007), em Porto Alegre, em que temos uso de 78% para a faixa etária de 25 a 50 anos.

Percebemos que a variante inovadora *a gente* ao longo do tempo tem um acelerado avanço em todas as faixas etárias, o pronome *nós* ainda tem uma porcentagem relevante de frequência nas falas dos mais idosos, assim os dados se assemelham aos encontrados nas pesquisas em que a porcentagem do grupo dos mais jovens beneficiam o uso do *a gente*, mostrando que o há um progresso na mudança e dos idosos é menor a frequência, mas ainda com alta porcentagem.

3.3.3 A VARIÁVEL CONCORDÂNCIA

Como visto o *a gente* foi o mais utilizado em todas as variáveis sociais analisadas nesta pesquisa, sendo usado como pronome equivalendo ao uso do *nós*. Conforme o conceito gramatical de Bechara (p.543, 2009) afirma que “em português a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”.

A concordância pode ser nominal ou verbal, analisaremos a verbal em que o verbo concorda em número sendo singular ou plural e com sujeito\pessoa em 1ª, 2ª ou 3ª, assim deveremos observar as flexões dos verbos, na variação entre o *nós* e o *a gente* as flexões ocorrem de maneiras diferentes.

O *a gente* concorda com o verbo na terceira pessoa do singular, enquanto o *nós* o

verbo concorda na primeira pessoa do plural, então desse jeito analisamos o uso do *nós* explícito com a desinência “-mos” e o *a gente* seguido de \emptyset , para as concordâncias.

Sabemos que na língua ocorrem muitas mudanças, em que reflete na concordância, sendo muito nítido em conversas informais quando observamos frases normais como exemplo: “*nós* foi á festa”, o verbo acaba sendo não flexionado na primeira pessoa do singular, levando a não concordância, assim observamos os dados:

Tabela 05 - A frequência de uso de *nós* e *a gente* na variável concordância.

CONCORDÂNCIA	A GENTE		NÓS	
	Frequência	%	Frequência	%
PRESENÇA	122/125	97.6	3/125	2.4
AUSÊNCIA	0/28	0.0	28/28	100.0

Fonte: Elaborada pela autora.

Analisando os dados, levantamos números significativos na presença da concordância com o *a gente* de 97.6 % enquanto o percentual do *nós* foi de apenas 2.4%, e na ausência de concordância o *a gente* teve 0.0% havendo um “*KnockOut*⁵” enquanto a ausência de concordância do uso do *nós* foi de 100%, revelando que o pronome inovador *a gente* em termos de flexão do verbo ocorre de maneira mais simples no singular, em comparação com o *nós*.

Devemos lembrar que os entrevistados tem pouca escolaridade, apenas o ensino fundamental, o que também influencia a escolha pronominal com concordância, a forma *a gente* usada nas falas é mais flexível, favorece a presença da concordância, desse modo observamos os dados obtidos por Vieira (2014) em que a concordância para o uso do *a gente* foi de 85% , e o do *nós* de 16,2%.

Os pronomes estão sofrendo mudanças facilitando a conjugação verbal, assim o verbo e o sujeito são correlacionados através da concordância em que a forma *a gente* é favorecida como ressalta Brandão e Vieira (2007, p. 114):

Com a forma *a gente*, o falante se descompromete com seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares. Quando eventualmente narra um fato vivido, o comprometimento com aquilo que enuncia é maior, mas isso tudo está em pleno processo de mudança e, aparentemente, a forma inovadora avança em alguns contextos mais do que em outros.

⁵ Quando os dados correspondem a 100% dos resultados.

Comparando com outras pesquisas como a de Zilles (2007) e correlacionando com os dados encontrados na comunidade Lagoinha, o uso do *nós* necessita flexionar os verbos para haver a concordância, não favorecendo ao seu uso, já no caso do *a gente*, mesmo sendo relacionado ao plural, o verbo é concordado no singular, sendo assim o mais escolhido na oralidade.

3.3.4 A VARIÁVEL NA POSIÇÃO SUJEITO E OBJETO

O *nós* e o *a gente* se iguala quando pensamos em dimensão de quem fala, assim sendo o falante e mais uma ou várias outras pessoas, na gramática apenas o pronome *nós* é modelo, seguindo o que é considerado padrão, o *a gente* com o passar do tempo ganha espaço e consegue se encaixar no sistema linguístico como sujeito nas falas.

O caráter genérico e globalizante que *a gente* herdou do substantivo *gente* levou diversos pesquisadores a analisar esse uso da forma como um recurso para indeterminar o sujeito (Rollemberg et alii; 1991 e Cunha, 1993). Entretanto, não se pode, no atual estágio evolutivo, considerar *a gente* como pronome indefinido, mas sim como pronome pessoal. (LOPES, 1999, p. 08).

Os sociolinguistas apontam que o uso do *a gente* está em constante crescimento, o pronome inovador aparece como sujeito com características menos destacadas, enquanto no uso do *nós* os seus traços são mais marcados, observamos os dados encontrados dos pronomes na posição de sujeito e de objeto:

Tabela 06 - A frequência de uso de *nós* e *a gente* na variável posição de sujeito e de objeto

POSIÇÃO NA ORAÇÃO	A GENTE		NÓS	
	Frequência	%	Frequência	%
SUJEITO	111/132	84.1	21/132	15.9
OBJETO	11/21	52.4	10/21	47.6

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos analisar em posição de objeto não encontramos dados muito distantes tanto para o uso no *a gente*, de 52.4% e *nós*, de 47.6%, mas em contra partida o *a gente* em posição de sujeito percentualmente é de 84.1% enquanto o *nós* é apenas 15.9%. Dessa maneira, podemos relacionar as pesquisas dos sociolinguísticos como Omena e Braga (1996), que apontam o *a gente* como forma preferida na posição como sujeito:

Tabela 07 - Dados levantados na cidade de Pelotas (BORGES, 2004) e no Rio de Janeiro (OMENA; BRAGA, 1996)

POSIÇÃO	BORGES (2004)	OMENA E BRAGA (1996)
SUJEITO	74%	73%
OBJETO	49%	61%

Fonte: Elaborado pela autora

Desse modo, compreendemos que a forma inovadora *a gente* como sujeito está em constante aumento com o preenchimento de sujeito pronominal nas falas, pois conseguem abranger o eu mais o(s) outro(s) sujeitos, assim se encaixa no sistema linguístico como pronome pessoal. Tarallo (1994) também discute esse assunto afirma que essas mudanças acontecem, mas que os livros e gramáticas não expõem essas novas formas e apenas o tradicional é explicado e ensinado.

4.3.5 A VARIÁVEL NO TEMPO VERBAL

Os tempos verbais inseridos na análise são três: passado, presente e futuro, sendo importantes para percebermos seu grau de influência. Como ponto inicial temos a afirmação de Borba Costa (2002, p. 17): “o tempo é uma categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação”.

Esse ponto dêitico, como esclarece Freitag (2007, p 69), é o ponto de referência, sendo o tempo presente considerado o momento de fala, e a partir desse ponto que podemos analisar e identificar o tempo verbal e linguístico, que influenciam a variação e o selecionamento entre o *nós* e *a gente*. Os estudiosos Fernandes e Görski (1986) subentendem que o pronome *nós* está mais vinculado com o tempo passado e seus verbos também flexionados, enquanto o pronome inovador *a gente* tem mais ligação com os verbos flexionados no presente.

Tabela 08 - A frequência de uso de *nós* e *a gente* na variável no tempo verbal

TEMPO VERBAL	A GENTE		NÓS	
	Frequência	%	Frequência	%
PASSADO	52/66	78.8	14/66	21.2
PRESENTE	64/79	81.0	15/79	19.0
FUTURO	6/8	75.0	2/8	25.0

Fonte: Elaborado pela autora

Como percebemos a frequência de uso de *nós* e *a gente* nos três tempos verbais ocorreu em predominância com o uso do *a gente*, no passado com 78.8%, no presente com 81.0%, em seguida o futuro com 75.0%, já as porcentagens do *nós* foram menores – no passado com 21.2%, no presente 19.0% e no futuro com 25.0%.

Os dados obtidos do futuro foram poucos apenas 08 (oito) na frequência total, mas devemos levar em conta que as entrevistas foram em torno de experiências vivenciadas, desse modo pode ter influenciado os verbos no passado e presente, com dados levantados por Vieira (2014) em que favorece o uso do *a gente* no tempo verbal presente, assim em números totais tempo verbal: passado 57 ocorrências, no presente com 236 ocorrências e o futuro com 1(uma) apenas.

Em vista desses dados notamos que o pronome *a gente* foi realmente condicionado nos verbos do tempo presente como apontou Fernandes e Görski (1986), notamos também que um das justificativas em relação ao pronome *nós* está mais ligado ao passado se encontra no duplo sentido que ocorre no tempo presente e no pretérito perfeito está na conjugação, como exemplo o verbo dançar há quando conjugamos no presente “*nós dançamos*” e quando conjugado no passado “*nós dançamos*”.

Percebemos que a inserção do *a gente* no quadro pronominal, motivou diversas mudanças na língua, assim como afirma Zilles (2007, p.28) “as modificações na língua estão inter-relacionadas”, dessa forma constitui fenômenos que estão presentes em nossas falas que devem ser estudados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transcurso da formação do Português Brasileiro ocorreu através do processo sócio-histórico em que passou por diversos contatos, principalmente no processo de colonização em que os agentes conduziram e influenciaram em suas peculiaridades e constituição da língua.

A língua reflete as condições internas e externas com ligação social, que desse modo acaba se reajustando e adaptando as necessidades dos falantes, que só é possível por meio do caráter heterogêneo, mutável, dinâmico e inovador da língua, que proporciona as variações e as mudanças, que podem ser vistos através das comunidades de falas em seu contexto de uso real, assim como a proposta realizada nesta pesquisa.

As comunidades de remanescentes quilombolas é um campo muito rico a ser estudado, pois os africanos contribuíram diretamente na constituição e identidade brasileira, e as heranças linguísticas se fazem mais fortes dentro desses espaços, que por muito tempo conseguiram preservar traços de suas línguas africanas. Compreendendo a importância de estudos nessa perspectiva, esta pesquisa foi realizada por meio de gravações com conversas informais, moradores da comunidade quilombola Lagoinha. Através das gravações, e posteriores transcrições, conseguimos analisar a variação entre os pronomes *nós* e *a gente*.

Através da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 2008 [1972]) e da ferramenta computacional GOLDVARB X conseguimos resultados relevantes, em que podemos concluir que a forma pronominal *a gente* é a mais utilizada nas falas, reafirmando dados obtidos por alguns sociolinguistas, a saber: Omena e Braga (1996), Lopes (2004), Zilles (2007), que a partir de aparato metodológico semelhante realização suas pesquisa em espaços urbanos como Rio de Janeiro, Porto Alegre, Pelotas entre outros. Através da análise contrastiva com as pesquisas supracitadas, foi possível perceber que o resultado encontrado na amostra de fala da comunidade quilombola Lagoinha não se mostra diferente.

Ao analisarmos o fator gênero conseguimos perceber que os homens se mostraram com maior tendência ao uso do pronome inovador *a gente*, com 86.1%, podendo ser justificado pela realidade dos moradores da comunidade em que os homens estão em mais contatos com outras regiões e pessoas que vem a favorecer o uso.

O segundo fator social que analisamos foi a faixa etária, revelando que os informantes da faixa I, os mais jovens, tendem a favorecer ao uso do *a gente* com 97.6% e apontando que a variação está em processo de mudança e crescimento, pois o uso do pronome inovador na faixa III foi bem significativo com 73.2% .

Com os fatores linguísticos que auxiliaram na compreensão da variação, observamos

a presença e ausência da concordância, em relação ao uso do *a gente* apresentou 97.6% de presença de concordância, enquanto o *nós* não revelou nenhuma concordância, podendo ser explicado pelo fator da flexão do verbo, em que no momento de fala a flexão do verbo para o *nós* acaba sendo executado no terceira pessoa do singular.

Entre os fatores linguísticos analisamos o *nós* e *a gente* na posição sujeito ou objeto nas orações, conseguimos perceber que o *a gente* se encaixou no sistema linguístico como sujeito pronominal com 84.1%, enquanto na posição de objeto se apresentou com 52.4%. E o fator tempo verbal se mostrou significativo para entendermos a variação linguística analisada com os percentuais de 81.0% no tempo presente, seguido de 78.8% no passado, reafirmando dados obtidos por outras pesquisas.

Dessa forma, fica evidente que o pronome inovador *a gente* tem o maior uso na amostra de fala, em análise, em comparação com *nós*, por condicionantes que influenciam o seu favorecimento, mostrando assim que a medida que a sociedade muda, a língua acompanha essas mudanças.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, A C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.
- ALMEIDA, M. **Gênero no Progresso da Mudança linguística**. Vol. LXVII, n. 2, 1995. p. 229-235.
- BARATA, R.; SILVA, D. F.; BARROS, M. D.; **Terra quilombola**. Disponível em: www.institutosumauma.org.br/imagem/arquivo/Terra_Quilombola.pdf. Acessado em: 29 abr. 2019.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver. e ampl. 16. Reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BORBA COSTA, Sônia Bastos. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 2002.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Fundação Cultural Palmares**. Portaria nº 88, de 13 de maio de 2019. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-ba-13052019.pdf> . Acessado em: 05 set. 2019.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2011.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: ABL/TOPBOOKS, 2001. p. 129.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro e níveis socioculturais de linguagem**. Brasília: Educação, 2012. p. 21-22.
- COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e Historia**. El problema Del Cambio linguístico. Madrid: Gredos, 1988.
- CUNHA, Celso. **Língua, nação, alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática. 1991.
- FERNANDES, E.; GORSKI, E. **A concordância verbal com os sujeitos nós e a gente: um mecanismo do discurso em mudança**. Actas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, p. 175-183
- FISCHER, J.L. **Influências sociais na escolha de variantes linguísticas**. Word, 1958.14: 47-56.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a Terra, Construindo Cidadania. In: PINSKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi (orgs). **História da cidadania**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GUY, G.R. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 19-46.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. [Trad. Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre]. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, C. R. S.. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa).

LOPES, C. **A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2004.

LOPES, C. R. dos S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I.(Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. v. 1., Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. **“O português são dois...”: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOSO CÂMARA JR., J. (1979). **Estrutura da Língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes.

MEIRA, Vivian. O português falado no Brasil: evidências sócio-históricas. In: MEIRA, Vivian. (Org.). **Português Brasileiro: Estudos funcionalistas e sociolinguísticos**. Salvador: EDUNEB, 2009.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, J. M. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. 254f. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OMENA, Nelise. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, Maria; DUARTE, Eugênia (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

OMENA, Nelize P. de; BRAGA, Maria Luiza. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T. et al. (Ed.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75-83.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p.33-42.

REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Aryon. **Línguas Indígenas Brasileiras**. São Paulo: Loyola, 1986.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

VIEIRA, Silvia R. e BRANDÃO, Sílvia F. **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, A. S. de O. **Nós e a gente: um estudo sobre a sintaxe do Português Brasileiro**. Vitória da Conquista-BA, 2014. 71f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, Ana M. S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.

ANEXOS

ANEXO A - CHAVE DE CODIFICAÇÃO *Varição entre o “nós” e o “a gente”*

1 VARIÁVEL DEPENDENTE

- (+) Presença do **nós**
- (-) Presença do **a gente**

2 VARIÁVEIS SOCIAIS

SEXO

- (f) feminino
- (m) masculino

FAIXA ETÁRIA

- (1) Faixa I
- (3) Faixa III

3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICA

CONCORDÂNCIA

- (p) Presença de concordância
- (a) Ausência de concordância

POSIÇÃO NA ORAÇÃO

- (s) Sujeito
- (o) Objeto

TEMPO VERBAL

- (x) Passado
- (y) Presente
- (z) Futuro

ANEXO B – Rodada Goldvarb

Number of cells: 25

Application value(s): -+

Total no. of factors: 11

Group	-	+	Total	%

1 (2)	-	+		
m N	68	11	79	51.6
%	86.1	13.9		
f N	54	20	74	48.4
%	73.0	27.0		
Total N	122	31	153	
%	79.7	20.3		

2 (3)	-	+		
3 N	82	30	112	73.2
%	73.2	26.8		
1 N	40	1	41	26.8
%	97.6	2.4		
Total N	122	31	153	
%	79.7	20.3		

3 (4)	-	+		
p N	122	3	125	81.7
%	97.6	2.4		
a N	0	28	28	18.3
%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total N	122	31	153	
%	79.7	20.3		

4 (5)	-	+		
s N	111	21	132	86.3
%	84.1	15.9		
o N	11	10	21	13.7
%	52.4	47.6		
Total N	122	31	153	
%	79.7	20.3		

5 (6)	-	+		
x N	52	14	66	43.1
%	78.8	21.2		
y N	64	15	79	51.6
%	81.0	19.0		
z N	6	2	8	5.2
%	75.0	25.0		
Total N	122	31	153	
%	79.7	20.3		

TOTAL N	122	31	153	
%	79.7	20.3		